



ACTUALIDADE! EFICÁCIA!

Palavras de Sua Eminência o Sr. Cardeal
Patriarca na Sessão de Encerramento.

Abriu magnificamente este Congresso. Encerra-se gloriosamente. Pode considerar-se um acontecimento histórico na vida nacional.

Fundação Cuidar o Futuro

Há mais estrelas no céu, desde que ele se inaugurou.

Há mais estrelas no céu, pelos horizontes que vós ganhais de esperança.

Benditos sejam os que trouxeram esta alegria à terra cristã portuguesa.

Reuniram-se aqui nestes dias, professores e alunos, tratando-se de problemas universitários à luz dos princípios cristãos.

E esta reunião é já um prenúncio dessa Universidade



nova de que tanto se falou nesta corporação de professores e alunos durante este Congresso; todos nós nos felicitamos com isso.

Foi notada neste Congresso a ausência, na instituição universitária, d'Aquele que tem a palavra da vida eterna. E por isso se reconheceu que a luz saída da Universidade beneficia a fé cristã, beneficia a ciência, beneficia a cultura, mas por virtude dela não beneficia aquilo que importa ao homem dela conhecer para ser homem.

Fundação Cuidar o Futuro

Muitas perguntas são postas à inteligência e aos corações humanos, mas só uma é necessária: o que somos, de onde vimos, para onde vamos?

Todo o sentido da nossa vida depende da resposta a estas perguntas, e a nossa Universidade não a sabe dar.

Atravessamos um momento único da História do Mundo. Foram pronunciadas na nossa vida as grandes blasfêmias: Deus morreu, a Igreja é a prisão do espírito e dos corações humanos; Deus morreu!



Mas em toda a parte, onde Ele morreu, morreu o homem, e em vez d'Ele surgiu o escravo, surgiram multidões de escravos com fachos fumegantes na mão a incendiar o mundo inteiro. Prisão do espírito e do coração humanos! Mas a Igreja, desde há dois milénios que é o refúgio dos maiores espíritos da humanidade, que nela encontraram a resposta aos segredos escondidos a toda a investigação científica, a toda a investigação filosófica.

Desde há dois mil anos, ela inspirou as almas mais belas, mais heroicas, mais santas, que são a honra, que são a glória, que são o resgate da nossa espécie.

Há dois mil anos que ela canta com alegria matinal a inocência, canta a mocidade pura, heroica, canta a idade adulta, triunfante de amor, triunfante da luta, triunfante da morte.

A Igreja canta, enche o mundo de alegria, enche o mundo de esperança.

É certo que alguns ainda nos nossos dias temem que lhe tenha faltado adaptação e eficácia para as tarefas criadoras.



Actualidade! Eficácia! Quereis outra prova, ars. professores, senhoras e senhores, da actualidade e da eficácia da acção da Igreja, que esta bela e gloriosa mocidade?

Que é que ilumina de claridade, de pureza, de esperança e alegria os seus olhos? Digo eu a vós:

Quem é que vos ensinou o segredo do sentido da vossa vida? E a vida vale a pena viver-se.

Que é, no fim, senão colaboração com o Criador e com o Redentor, na obra da emancipação humana, na glorificação de Deus? Quem vos ensinou que o bem era bem, que o mal era mal e que, para realizar o bem é bom, é glorioso, é melhor dar a vida? Quem foi que vos ensinou a vós a dominar as paixões? Sei que sois briosos e o mundo feio quer dividir-vos, rompendo esta harmonia que é toda a edificação do homem sobre os instintos dominados e elevados à realização duma ordem maior, a ordem na verdade, a ordem na harmonia, a ordem na beleza, a ordem na bondade, esta outra realidade que só a consciência entrevê, que não vê o microscópio, que não mede a balança. Quem foi? Quem

foi que vos ensinou a vós assim a caminhar no mundo, triunfadores das forças inconscientes mas furiosas, cantando uma esperança de reconstrução, de libertação, de enobrecimento? Quem foi senão a Igreja?



Queridos universitários católicos:

Eu devo terminar e queria dizer-vos agora palavras ardent^{es}, palavras como aquelas línguas de fogo que caíram no Céu, na manhã de Pentecostes, palavras que entrassem em vós, que vos inflamassem, que vos tornassem luminosos, para que fosseis na nossa terra luzes acesas de redenção.

Queria dizer-vos palavras assim, que vos transfigurassem à imagem d'Aquele cujo ideal vós aqui viestes confessar. Ideal? Ideal? Sim! Mas nós, cristãos, podemos afirmar que o nosso ideal não é uma abstracção, não é uma aspiração generosa de coração ardente.

O nosso ideal é uma pessoa, o nosso ideal é uma realidade viva, o nosso ideal é Nosso Senhor Jesus Cristo, é o Homem-Deus, é Aquele em quem se realiza a plenitude humana. Mas Cristo, tirado à Igreja, é um Cristo morto, é um Cristo que não é

criador, que não é redentor, que não é salvador.



Universitários católicos:

Levais convosco Cristo, mas um Cristo vivo, e Cristo vivo em vós é Ele iluminando no fulgor da vossa inteligência; é Ele conquistando, no calor do vosso coração, calor que o Espírito Santo nele põe. Não sabeis vós que o Espírito Santo está no coração de todo o cristão que está em graça? Não sabeis vós que todo o cristão é um templo vivo de Deus? Não sabeis que a Santíssima Trindade habita no vosso peito?

Fundação Cuidar o Futuro

Universitários católicos:

Cristo vive em vós no fulgor da vossa fé, no calor do vosso coração, nesta redenção já operada na vida cristã que a mantém na verdade, na vida, no amor, que é uma vida na justiça, que é uma vida na beleza, que é uma vida na liberdade, liberdade de filhos de Deus, dominadores seguros do universo. Tudo foi criado para nós, como ensinava, numa das suas meditações, Santo Inácio de Loyola, tudo foi criado para nós, filhos de Deus.

Tomo o exemplo de uma vida assim cristã, que é já uma redenção. Foi já há anos; falava também a estudantes, em Coim-



bra, em lugar por onde me ficou tanto do coração, e lembro-me desta vez que tinha evocado um exemplo do pai do Conde de Montalbert, que era jovem como vós. Na sua fronte, luz de inteligência, nos seus olhos, cântico de pureza, nas suas atitudes todo um testemunho de dignidade.

E naquele coração, um ardor como o vosso, de não guardar só para ele o tesouro de luz, o tesouro de caridade, o tesouro de paz, o tesouro de bem-aventurança que ele trazia como católico.

Fundação Cuidar o Futuro

O pai sentia o direito de irrecusável respeito diante daquele filho. Era de outra época; era filho do século dezoito, do século crítico, do século frívolo, do século céptico, mas diante daquele rapaz, juventude em flor, juventude gloriosa, conta o biógrafo, que quando entrava no seu gabinete, sem querer o pai se levantava.

Srs. Professores, Srs. Arcebispos e Bispos de Portugal, Senhoras e Senhores: convido-vos também a levantar-vos, para saudar, para louvar, para aclamar, estes briosos, estes numerosos, estes heroicos rapazes e raparigas católicos.